

A TRÍADE RODRIGO, FLORA E FLORIANO: ENCARCERAMENTO MEMORIALÍSTICO NO ENREDO DE *O* *ARQUIPÉLAGO*

Maria Cristina Ferreira dos Santos

UGV Centro Universitário

Resumo: O objeto dessa pesquisa, de caráter exegetico, é evidenciar a maneira como o esquecimento determina o enredo do último tomo da trilogia de Erico Verissimo, isto é, os três volumes de *O Arquipélago*, a partir da análise das personagens Rodrigo Cambará, Flora Quadros e Floriano Cambará. Eles são, não raras vezes, invadidos por lembranças que desejam, sem êxito, olvidar, o que torna a vontade de apaziguá-las ou exterminá-las um dos maiores escopos de suas ações e, portanto, da narrativa. Essa dinâmica de traumas, arrependimentos e desejo de esquecer é crucial para culminar no momento catártico e dialético em que Floriano, combinando memória e esquecimento, redige seu romance épico. Para isso, serão utilizados os pressupostos teóricos de Sigmund Freud (1920), (1969); Henri Bergson (1999), Paul Ricoeur (2007), Harald Weinrich (2001); Jacques Le Goff (1992) e Iván Izquierdo (2004).

Palavras-chave: Esquecimento; memória; Erico Verissimo; *O Arquipélago*.

Abstract: The object of this exegetical research is to show how forgetting determines the plot of the last volume of Erico Verissimo's trilogy, that is, the three volumes of *O Arquipélago*, based on the analysis of the characters Rodrigo Cambará, Flora Quadros and Floriano Cambara. They are, not infrequently, invaded by memories that they wish, unsuccessfully, to forget, which makes the will to appease or exterminate them one of the greatest scopes of their actions and, therefore, of the narrative. This dynamic of traumas, regrets and the desire to forget is crucial to culminating in the cathartic and dialectical moment in which Floriano, combining

memory and forgetfulness, writes his epic novel. For this, the theoretical assumptions of Sigmund Freud (1991) Henri Bergson (2006), Paul Ricouer (2007), Harald Weinrich (2001); Jacques Le Goff (1992) e Iván Izquierdo (2004) will be used.

Keywords: Forgetfulness; Memory; Erico Verissimo; *O Arquipélago*.

Introdução

Erico Verissimo é um escritor brasileiro que teve uma vasta e frutífera produção literária. Ao longo das quatro décadas em que se dedicou à literatura, publicou diversos romances, contos, livros considerados infantis, narrativas de viagem, biografia, memórias e sua famosa trilogia *O Tempo e o Vento*. As temáticas abordadas são diversas, como a formação de cidades, a decadência do patriarcado rural, as mulheres altaneiras, o período colonial brasileiro e o neocolonialismo, as guerras mundiais, a Guerra Civil Espanhola, a Era Vargas, o neoimperialismo, a Guerra do Vietnã, a amnésia, a formação do Rio Grande do Sul, a adaptação dos seres humanos em meio às metrópoles em formação, a Ditadura Militar Brasileira, e várias outras. Também foi aclamado pelos analistas de texto, e muitas vezes, alvo de inúmeras críticas, sobretudo por não fazer experimentos literários.

Ademais dos críticos literários que acompanharam suas publicações, há diversos estudos, das mais variadas perspectivas, sobre suas narrativas, entre livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, monografias e teses. No entanto, um dos motes que perpassa toda produção romanesca, o esquecimento, que, junto com a liberdade e a crítica social, são os *Leitmotiven* de seus romances, foi escassamente mencionado.

Em minha tese de Doutorado discorri minuciosamente sobre os tipos de esquecimento que perpassam todos os romances de Erico Verissimo, desde o primeiro, *Clarissa*, até o último, *Incidente em Antares*. Nesse artigo, focarei os três volumes de *O Arquipélago*, discutindo como o olvido determina a narrativa a partir das personagens Rodrigo, Flora e Floriano.

1 A liberdade ceifada de Rodrigo Terra Cambará

Quando lemos diacronicamente as obras de Erico Verissimo, percebemos que a liberdade é um tema constante, o qual determina as ações da grande maioria das personagens. Na trilogia *O Tempo e o Vento*, aparece de várias formas, especialmente com Rodrigo Cambará. No primeiro tomo – *O Continente* – o Capitão Rodrigo, que chega à cavalo, ninguém sabe de onde, é o arquétipo do homem livre, na medida em que, ao chegar no povoado de Santa Fé, não tem amarras, parece não ter passado, aparenta ser um ser sem memória, o que o torna isento de arrependimentos e traumas. Mesmo após casar com Bibiana Terra, e, com ela conceber Bolívar, se desprende de qualquer amarra, protocolo ou convenções. É uma das poucas personagens de Erico Verissimo que não se sente atormentado por fragmentos memorialísticos.

Seu filho Bolívar se casa com Luzia e dessa união nasce Licurgo, o qual, junto com Alice Terra, concebe Rodrigo e Toríbio. O Dr. Rodrigo Terra Cambará, bisneto homônimo do forasteiro que abalou a pacata vila rio-grandense e gozou a vida sem pensar nas consequências, se assemelha muito ao bisavô no aspecto de *bon vivant*, porém difere, entre outros, em relação à carga memorialística que deseja obliterar. Por isso, a almejada liberdade é impedida pela recorrência de memórias enfermas, pois, segundo Henri Bergson, todas as nossas percepções são determinadas por lembranças:

Na verdade, não há percepção que não seja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (BERGSON, 1999, p.30).

Por isso, o arquetípico Cap. Rodrigo Cambará, nos primeiros tomos da trilogia, é uma das únicas personagens de Erico Verissimo que não é constante e fatalmente atingida pela carga memorialística que almeja obliterar. Seu bisneto, cujos feitos atravessam os dois volumes de *O Retrato* e toda longa narrativa dos três volumes de *O Arquipélago*, sente-se acometido pelas rememorações.

O primeiro tomo deste terceiro volume, muito embora o fluxo narrativo não seja linear, imbricando fatos da infância de Rodrigo e do seu porvenir, é centrado nos problemas familiares, no casamento com Flora, na infância dos filhos, nas questões

políticas da Era Vargas e nos conflitos bélicos. Esses fatos serão retomados e aprofundados no segundo e no terceiro tomos.

Uma das lembranças que o atormentam é o suicídio de Toni Weber que ocorrera em *O Retrato* e segue até o derradeiro momento corroendo sua consciência. Nos primeiros anos de casado, tivera um caso extraconjugal com a imigrante, que engravida e toma cianureto. Apesar do caso ter sido encoberto pelos que tinham conhecimento da culpa de Rodrigo, esse fragmento mnemônico teima, não raras vezes, em protagonizar seus pensamentos.

Algumas vezes, acredita que apaziguou a culpa, o trauma e a memória enferma, como nos dias em que está descansando na propriedade rural da família:

Era estranho como agora ali se encontrasse de novo, como se nada houvesse acontecido. Ficara-lhe o vago horror daquele cadáver, daquela noite e do remorso... Quanto ao mais, era como se tudo não passasse duma história triste, lida num romance quase esquecido... Mas por quem chorava? Pela suicida? Ou por si mesmo? Alguém cantava agora no galpão. Era uma toada campeira, triste como uma canhada deserta em tarde chuvosa de inverno (VERISSIMO, 1987, p.169).

Há uma contradição nas elucubrações de Rodrigo, na medida em que ele mesmo usa o termo “quase esquecido”, isto é, é possível tirar a lembrança do centro de atenção, porém ela está apenas adormecida, podendo retornar quando haja estímulos apropriados.

Sigmund Freud nos explica em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1969) que é mais difícil esquecer algo ou alguém que evoca uma carga emocional significativa. Dessa forma, é provável que a imagem de Toni Weber sempre atormentará Rodrigo. Paul Ricoeur, em *A História, a Memória e o Esquecimento*, que reitera as premissas freudianas sobre o olvido, afirma que o esquecimento é um mistério, pois não se pode afirmar, de fonte fenomenológica, se alguma vez somos realmente capazes de esquecer algo, ou se permanece nas profundezas do consciente, aguardando um estopim para vir à tona: “como se, vindo das profundezas do esquecimento, a dupla valência da destruição e da perseverança se perpetuasse até as camadas superficiais do esquecimento” (RICOEUR, 2007, p.449).

E a lembrança retorna mais algumas vezes. Uma delas é após a morte de sua filha predileta, Alicinha, que faleceu na tenra infância de meningite tuberculosa, e que constitui a mais tenebrosa lembrança de Rodrigo. No contexto da perda da filha, deseja

também morrer e, para justificar o ímpeto de suicídio, elenca o fardo de lembranças nefastas: “Deus era testemunha de sua sinceridade. Queria morrer, precisava morrer. Era um assassino. Tinha matado o pai. Tinha matado Toni. Sentia-se também culpado pela morte da filha” (VERISSIMO, 1987, p.411).

No capítulo *Reunião de Família II*, que aborda os derradeiros anos de Rodrigo, quando está convalescente e que, depois de um longo período residindo no Rio de Janeiro, retorna à Santa Fé, acompanhado por sua amante carioca, mesmo que possa vê-la escassamente, tem a moça sempre presente em seus pensamentos. Sônia, dessa forma, torna-se um fardo que ele agrega ao rol de lembranças que pretende, sem êxito, obliterar, sobretudo quando a deseja, mas não pode estar com ela:

Rodrigo fecha o frasco e guarda na gaveta da mesinha de cabeceira. Agora é preciso esquecer, esquecer tudo... Mas como? Um médico seu amigo lhe disse certa vez no Rio com uma franqueza brutal: “Tens o cérebro entre as pernas”. Pensava com o sexo. Agia de acordo com seus desejos libidinosos, impulsivamente, sem medir consequências. Muitos dos erros que cometera (erros?) tinham tido sua origem em ordens imperiosas, urgentes, emanadas daquela parte de seu corpo (VERISSIMO, 1987, p.196).

Ao mesmo tempo em que o olvido absoluto de alguns capítulos de sua vida seria um alívio, como o dos supramencionados, em outros momentos o esquecimento é um castigo para Rodrigo. Isso ocorre, mormente, quando está acamado e sente-se relegado, entre outros aspectos, da vida política: “E aqui está o Dr. Rodrigo Cambará doente, atirado em cima numa cama, reduzido a uma imobilidade exasperante. E esquecido! Completamente à margem da vida política. Os amigos não lhe escrevem. Getúlio Vargas não respondeu ainda à sua última carta” (VERISSIMO, 1987, p.201).

O neurocientista Iván Izquierdo, estudioso dos fenômenos mnemônicos e amnésicos, em sua obra *A Arte de Esquecer* (2004), afirma que “Talvez o tempo seja realmente feito de esquecimento; isto é, seu sinônimo” (IZQUIERDO, 2004, p.18), demonstrando, assim, que o olvido tece a História, modifica-a e, quando lembranças que outrora foram julgadas perdidas retornam, há outra mudança de paradigma. É o que vemos no jogo dialético de Rodrigo Cambará, o qual almeja o olvido de certos fatos na mesma medida em que deseja ser lembrado. As memórias e seu oponente, o esquecimento, se amalgamam e são, ora um tormento, ora um alívio.

Encontrar o equilíbrio entre o que pode ser apaziguado nos confins da memória e o que pode ficar na superfície, resume a arte do esquecimento e Iván Izquierdo afirma que consiste em não saturar os mecanismos da memória:

Aprender a distinguir entre as informações que devemos deixar de lado e as que devemos guardar, e, entre estas, quais são aquelas às que devemos reagir rapidamente, é uma arte difícil. Mas dela depende nossa sobrevivência e nosso equilíbrio emocional e cognitivo. Assim como depende de saber dar folgas ao nosso gerente geral de informações (IZQUIERDO, 2004, p.33).

Rodrigo desenvolve a arte de selecionar lembranças prazerosas, como algumas de suas aventuras amorosas, assim como aprimora a técnica de esquecimento, sendo consciente de quais atividades o fazem olvidar, mesmo que temporariamente, fatos desagradáveis. O ato de guerrear, ou seja, de estar envolvido em conflitos bélicos, está entre os que mais considera profícuo para exterminar lembranças: “Só uma coisa poderia fazê-lo esquecer todas aquelas misérias: um bom combate” (VERISSIMO, 1987, p.288). Essa estratégia será retomada ao longo do enredo de *O Arquipélago*.

No segundo tomo, vemos nitidamente a concretização da máxima de Harald Weinrich em *Lete: Arte e Crítica do Esquecimento* (2001), de que as guerras são orgias do esquecimento, pois, Rodrigo, que as usara para olvidar lembranças amargas, agora tem uma carga memorialística do conflito para adicionar à sua lista de eventos infelizes, culposos e traumáticos que quer apagar:

Rodrigo andava cansado e deprimido. Carregava ainda o peso de seus mortos. Não podia esquecer a cara lívida de Miguel Ruas, que expirara em seus braços. A imagem risonha e pachorrenta de Cacique Fagundes perseguia-o também como um fantasma bonachão, mas nem por isso menos perturbador. Cinco filhas. Vinte netos... Pensava com igual remorso em todas as vezes em que, durante a campanha, hostilizara Pedro Vacariano com gestos ou palavras. No entanto o caboclo viera a morrer por ele... sabia que tinha o dever de ser-lhe reconhecido por isso, mas não podia evitar que com o seu relutante e meio envergonhado sentimento de gratidão se mesclasse uma certa irritação, que se poderia traduzir assim: “Não lhe pedi que se sacrificasse por mim” (VERISSIMO, 1987, p.361-362).

Em outros momentos as lembranças bélicas assaltam sua mente e o impedem de viver somente de prazeres como sempre desejou, na medida em que os caminhos mnemônicos são traiçoeiros, ou seja, elementos aleatórios podem ser o estopim para trazer à tona lembranças supostamente olvidadas. É o que adverte Henri Bergson:

Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos

então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens (BERGSON, 1999, p.30).

E isso acontece com Rodrigo quando recebe a visita de um maragato de Palmeira que lhe pede apoio para impedir a posse de Washington Luiz, numa suposta invasão, e isso evoca lembranças indesejadas:

Só depois que voltou para o escritório é que compreendeu por que aquela visita o deixara tão perturbado. É que o caboclo, sem querer nem saber, lhe evocara os aspectos negativos da campanha de 23: a frustração das marchas e contramarchas, que na maioria das vezes eram fugas; a desorganização das colunas, a imprevidência dos comandantes, a indisciplina dos comandados: a sujeira, o desconforto, o desperdício de vidas... Sim, o homem de Palmeira recendia a revolução. Sua presença enchera a sala com um fartum de suor humano muitas vezes dormido, misturado com cheiro de couro curtido, poeira e sarro de cigarro de palha... E esses odores se haviam transformado no espírito de Rodrigo em imagens que ele preferia esquecer. Miguel Ruas agonizante no saguão da Intendência, a morte a passar-lhe no rosto o último pó de arroz... O cadáver de Cantídio, os olhos exorbitados, o peito esmagado... (VERISSIMO, 1987, p.525).

E logo prossegue mostrando que as lembranças não obedecem aos seus desígnios, pois, por mais que tente afugentá-las, uma das mais ignóbeis retorna:

Rodrigo acendeu um cigarro, sentou-se, soltou uma baforada de fumaça como para esconder a mais terrível de todas as lembranças: seu pai lívido e arquejante, a afogar-se no próprio sangue. De olhos fechados, com uma fúria que lhe vinha do próprio terror, precipitou-se ao encontro do perigo, recordou frio aquela hora, minuciosamente. Tornou a sentir a mornidão do sangue do Velho no próprio peito, viu aqueles olhos que aos poucos se embaciavam, ouviu o pan-pan ritmado do moinho d'água... ruminou, enfim, a angústia daquela hora trágica (VERISSIMO, 1987, p.525).

Sente-se culpado pela morte do pai porque, na Revolução de 1923, ele fora contrariado ao combate, onde faleceu. A lembrança desse ocorrido atormenta Rodrigo e mostra, como adverte Bergson, de que as memórias se movimentam e impedem o feliz prosseguir:

Poderíamos dizer que não temos poder sobre o futuro sem uma perspectiva igual e correspondente sobre o passado, que o impulso de nossa atividade para diante cria atrás de si um vazio onde as lembranças se precipitam, e que a memória é assim a repercussão, na esfera do conhecimento, da indeterminação de nossa vontade (BERGSON, 1999, p.68).

O filósofo adverte que seguir adiante só é possível quando lidamos com lembranças dolorosas de outrora. Reprimi-las fará sentido por um curto tempo, mas elas tendem a retornar até que o trauma seja reelaborado. No entanto, ao invés de

superá-las, Rodrigo as acoberta, para tentar viver livremente e, nesses impulsos, adiciona novas lembranças ruins.

Um exemplo é seu envolvimento em assuntos políticos a nível regional e nacional. Além dos conflitos bélicos já mencionados, sua proximidade com Getúlio Vargas lhe trouxera algumas satisfações, mas também agruras. Uma delas é quando se sente esquecido por ele e pela sociedade: “O Getúlio não é mais inteligente nem mais culto que eu. Somos quase da mesma idade. Fomos colegas na Assembleia. São Borja não é mais importante que Santa Fé. Então, como se explica que ele esteja no Rio feito Ministro e eu esquecido aqui nesta bosta?” (VERISSIMO, 1987, p.528).

No último tomo de *O Arquipélago*, em que uma parcela da narrativa discorre sobre a enfermidade de Rodrigo, são evidenciadas, também, suas aptidões políticas de outrora. Uma vez que está acamado, impossibilitado de desfrutar dos prazeres mundanos, ocupa parte de seu tempo em rememorar e analisar suas culpas e traumas. Sente-se abandonado pelos companheiros de lutas, pela esposa e pelos filhos: “- Vocês não devem tirar a este moribundo o único consolo que lhe resta: prostrar-se. A política é um dos meus vícios. Já que agora não posso fazer política, que me seja ao menos permitido ruminar a que fiz ou a de que fui testemunha” (VERISSIMO, 2004, p.151).

Dos inúmeros desgostos que tem para tentar esquecer e que o impedem de ser livre: “Não pude salvar a vida da minha filha – refletiu ele com amargura. Queimei o diploma, abandonei minha profissão. Levei meu pai à morte. Perdi o afeto da minha mulher e do meu filho mais velho. Matei um amigo... Santo Deus, que tremendo fracasso” (VERISSIMO, 2004, p.108), a relação nada amistosa com Floriano é um dos piores e que o liga diretamente à esposa Flora e, com ela, formam uma tríade de seres aprisionados por memórias infelizes e em constante busca do esquecimento.

No decorrer do enredo de *O Arquipélago*, mais de uma vez Rodrigo é assaltado por essas lembranças que quer repelir, reforçando o argumento de que sua liberdade é ceifada pelo encarceramento mental causado por elas. Quando relembra o assassinato do amigo que estivera em lado oposto na guerra logo se desencadeia a recorrência da lembrança de Toni Weber:

Rodrigo pensava em Bernardo Quaresma com um misto de terna saudade e apagado horror. Porque a imagem do tenente de artilharia era agora para ele a personagem duma horrenda noite de pesadelo e ao mesmo tempo um objeto de remota afeição [...] Lembrava-se também, sensibilizado, de como o achara pequeno quando vira seu cadáver enrolado naquela lona sórdida... [...]

Viera-lhe agora de repente uma ânsia de fugir, de meter-se em casa, tomar um banho, perfumar-se, beber uma cerveja gelada, ouvir música, esquecer o cemitério, a morte, o passado... Dirigiu-se a passos largos para o portão. Avistou de relance, à sombra dum cedro, o túmulo de Toni Weber, que costumava visitar sempre que vinha a Santa Fé. Não! Já tivera sua dose de tristeza e remorsos... Para um dia só, bastava! Passou de largo pelo próprio jazigo dos Cambarás, já se sentindo culpado com relação ao pai, à mãe, à filha e aos outros parentes lá sepultados. Outro dia! Outro dia! Outro dia! (VERISSIMO, 2004, p.190).

Ele tenta adiar o confronto com os traumas relativos aos mortos que estão sepultados no cemitério de sua cidade, especialmente os que evocam memórias que, segundo ele, são hediondas: de sua filha, de seu pai, de sua amante e de seu colega. No entanto, sufocar memórias enfermas é retardar a busca do prazer e ceifar a liberdade porque, como visto, elas retornam e, com isso, toda a carga de sofrimento.

De acordo com Sigmund Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1996), evitar o desprazer é a motivação de todo ato humano, por isso é explicável a tendência de afugentar lembranças nefastas:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer (FREUD, 1996, p.6).

Rodrigo Cambará não consegue encontrar uma maneira eficaz de esquecer os fatos que o aborrecem e entristecem, e, na busca incessante pelo prazer, trava batalhas mentais infundáveis com esse fardo traumático, incluindo a reminiscência da falta de afeição de sua esposa Flora depois das suas inúmeras traições.

2 Os desgostos de Flora Quadros Cambará

O majestoso ímpeto de vida de Rodrigo contrasta com a resignação de Flora. Essa tese que, por si só, é uma antítese, resulta na síntese da lapidar construção de duas

personagens de Erico Verissimo que se complementam e se assemelham no estado de olvido constante em que se encontram.

Assim como o esposo, Flora se sente constantemente atormentada pelas lembranças relativas à morte da filha Alicinha, do suicídio de Toni Weber, mesmo que numa perspectiva diferente da de Rodrigo, pois não se sente responsável, mas culpada por omissão dos fatos à família da moça e à sociedade, e de alguns episódios das guerras nas quais seu marido lutou, sobretudo na qual ele levou seu filho Floriano e em que participou do fuzilamento do Tenente Quaresma, que era amigo da família.

Na sua maturidade, a carga memorialística que mais impede Flora de sentir-se bem é a que resulta das inúmeras traições de Rodrigo, culminando na derradeira, quando, já condenado pela doença, recebe a amante oriunda do Rio de Janeiro, que se instala em Santa Fé. Isso faz com que ela se afaste completamente do esposo. Ele, por sua vez, acredita que ela é capaz de olvidar seus atos infieis: “[...] pedir-lhe que tudo perdoasse e esquecesse” (VERISSIMO, 2004, p.252).

No entanto, Rodrigo é ingênuo ao pensar que os seres são livres para proscrever memórias. Talvez pense assim porque Flora, inúmeras vezes, o levava a acreditar que havia esquecido seus diversos casos extraconjugais, mas essas lembranças estavam apenas na reserva, esperando o momento oportuno para voltar à tona. Henri Bergson descreve a dinâmica do retorno de fatos momentaneamente silenciados que se transformam em memórias enfermas e que impedem a liberdade:

Poderíamos dizer que não temos poder sobre o futuro sem uma perspectiva igual e correspondente sobre o passado, que o impulso de nossa atividade para diante cria atrás de si um vazio onde as lembranças se precipitam, e que a memória é assim a repercussão, na esfera do conhecimento, da indeterminação de nossa vontade (BERGSON, 1999, p.68).

O filósofo adverte que seguir adiante só é possível quando lidamos com lembranças dolorosas de outrora. Reprimi-las pode ser útil por um curto tempo, como fizera Flora, que superficialmente sufocou seu passado, o qual, porém, tende a atormentá-la. Ela parece ter compreendido esse movimento memorialístico na medida em que, no terceiro volume de *O Arquipélago*, não busca sufocar lembranças e fingir que perdoou. Nessa fase, deixa que elas a dominem e que a mágoa a desvencilhe do pai de seus filhos.

Essa atitude reverbera no processo de tentativa de destruir lembranças praticado por Rodrigo, uma vez que uma delas é a apatia de Flora. Nesse quesito, estão indissoluvelmente ligados e um determina os atos do outro, o que os impede de serem livres. No excerto abaixo, fica nítida essa ligação, quando ele tenta se aproximar e ela o repele:

Faz meia-volta e se vai, deixando Rodrigo numa confusão de sentimentos: revolta, culpa, arrependimento, vergonha, autocomiseração e de novo revolta. Como ficaria feliz se ela fizesse um gesto de perdão! Bastaria abafar o orgulho, esquecer as mágoas, os ressentimentos, colocando-se numa posição de mulher superior... Sim, ele reconhece suas faltas. Tem sido um marido infiel, sempre viveu atrás de outras mulheres. Mas – que diabo! – não é o único no mundo, e não será o pior de todos. E afora essas infidelidades (que em nada afetariam Flora se ela continuasse a ignorá-las, se não houvesse sempre um canalha a escrever-lhe uma carta anônima ou dar-lhe um telefonema, disfarçando a voz), afora essas aventuras sexuais, ele sabe, tem certeza de que foi sempre um marido exemplar. “Estimo, admiro e respeito a minha mulher – murmura. – Nunca lhe faltou nada” (VERISSIMO, 1987, p.200).

Outra vez Rodrigo é ingênuo ao julgar ser possível exterminar lembranças a seu bel-prazer. Além da impossibilidade do esquecimento absoluto, há estratégias memorialísticas usadas para reforçar as reminiscências, isto é, os telefones anônimos, os comentários, as missivas e as novas traições do marido, cujas lembranças se amalgamam às antigas. Esse movimento de persistência mnemônica é descrito por Henri Bergson:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta (BERGSON, 1999, p.69).

Na medida em que a dinâmica memorialística é dialética, Flora, como vimos, quer, muitas vezes, ignorar Rodrigo, outras deseja esquecer algumas de suas falhas. Porém, quando está envolvida no ambiente bélico, tenta usar sua memória para diminuir a hostilidade do momento e substituir as lembranças relativas à guerra:

Flora agora fazia parte da Cruz Vermelha do Exército Libertador, recentemente fundada em Santa Fé. Passava várias horas do dia na Casa de Saúde a ajudar os médicos. Era-lhe difícil vencer a repugnância que lhe despertavam aqueles homens barbudos e sujos para os quais tinha de dar remédios a horas certas. O pior, porém, eram os curativos: desfazer ataduras encardidas recendentes a iodofórmio (cheiro que ela associava a sórdidas “doenças de homem”), passar pomadas nas feridas ou banhá-las com líquido Dakin... Fazia tudo isso de testa franzida, contendo a respiração, os lábios apertados. Em geral a lembrança daqueles feridos e daquelas

cenar a acompanhava quando ela tornava à casa, persistia quando ela ia para a cama à noite e cerrava os olhos para dormir. Os cheiros de fenol, éter, água-de-guerra e pus – ah! o pior mesmo era o cheiro agriço de pus misturado com o de iodoformio! – não lhe saíam das narinas. Sob as cobertas, depois de rezar e pedir a Deus pela saúde dos ausentes e presentes e pelo restabelecimento dos feridos, ela procurava esquecer o hospital e os doentes, pensar no marido, imaginar que ele estava ali a seu lado com a sua presença quente, amorosa e limpa. Em vão! Aos poucos se ia esquecendo das feições dele, sentia necessidade de olhar para o Retrato, lá em baixo, a fim de recompor a imagem querida, que em sua memória se perdia numa espécie de nevoeiro (VERISSIMO, 1987, p.345-346).

E, assim, os dois, junto com o filho Floriano, formam uma tríade de pessoas que são encarceradas por lembranças indesejadas que visam esquecer.

3 O fardo memorialístico de Floriano Cambará

Floriano está estreitamente ligado ao seu pai e à sua mãe pelas memórias enfermas e pela vontade de tentar proscrevê-las e atingir a liberdade. E esse desejo é ainda mais intenso do que o de ambos, pois mostra ter um fardo memorialístico mais hostil do que o de seus genitores. Ele tem consciência de que é uma síntese dos pais, porque, em uma conversa com Roque Bandeira, chegam à conclusão:

- Naturalmente já notaste que não fumo, não bebo e não jogo. Como interpretas isso?
- É uma atitude anti-Rodrigo Cambará.
- E por que não pró-Flora Cambará?
- Também. São dois lados da mesma moeda, inseparáveis um do outro” (VERISSIMO, 1987, p.380).

Uma das mais gritantes lembranças se refere a Rodrigo: os relacionamentos extraconjugais, pois é uma ofensa à sua mãe; a preferência dele pela filha Alicinha, o que fez Floriano se sentir menosprezado e, principalmente, a sensação de que não o aceita como é, ou seja, avesso à vida campestre e às guerras. Por isso: “Sempre se considerara uma peça solta na engrenagem do Sobrado, de Santa Fé, do Rio Grande. Era o habitante solitário dum mundo criado pela sua própria imaginação e no qual se asilava para fugir a tudo quanto no outro, no real, lhe era desagradável, difícil, desinteressante ou ameaçador” (VERISSIMO, 2004, p.81).

Nessa perspectiva, uma das memórias mais traumáticas é quando, a contragosto, vai ao combate na Revolução Federalista e, não conseguindo participar do fuzilamento do Tenente Quaresma, é chutado pelo pai, o qual o humilha:

- Por que não atiraste, covarde?

Desferiu-lhe um pontapé no traseiro, fazendo-o inteiriçar o corpo:

-Vai-te embora! – gritou. – Vai pra baixo das saias da tua mãe, maricas! Vai, covarde! Vai, galinha! Não és meu filho!

Lívido, mal podendo arrastar as pernas, e sempre a babujar bÍlis, Floriano encaminhou-se para o portão central do quartel e precipitou-se colina abaixo, na direção da cidade (VERISSIMO, 2004, p.91).

A relação conturbada que tem com seu pai faz com que Floriano desenvolva uma certa neurose de culpas e traumas pois reflete que:

Além da vergonha de ter falhado nos exames vestibulares – refletiu Floriano –, além da vergonha de viver como um parasita, de não ter ainda escolhido uma carreira, o pai acabava de criar para ele uma nova vergonha: a de estar alheio ao movimento revolucionário. Não seria a vida mais que um rosário de vergonhas e sentimentos de culpa? Teria o homem de passar seus dias a bater no peito e murmurar *mea culpa*? (VERISSIMO, 2004, p.59).

E, na perspectiva familiar, ainda soma-se a culpa que sente por não ter se casado com a mulher que ama, SÍlvia, que, depois de não receber sua resposta, desposou seu irmão Jango. Isso o atormenta durante todo o enredo de *O Arquipélago* e o acomete com arrependimento e com o desejo de esquecimento: “Sim. Tudo na vida – a própria vida, e as nossas angústias – tudo é uma questão de tempo. E o tempo me ajudará a esquecer SÍlvia... O diabo é que agora se trata duma questão de espaço. Faz um cálculo: quatro passos daqui à porta... mais seis até o quarto dela...” (VERISSIMO, 1987, p.23). Além de pertencerem à mesma família, o que torna o olvido, mesmo que temporário, improvável, eles trocam missivas que, por si só, são um ato de reforço mnemônico.

Ademais, recorda a mágoa que sente quando fora rechaçado por uma garota americana chamada Mary Lee, a qual demonstrou preconceito quanto à sua cor de pele e o tratou como inferior. Na idade adulta, ao fazer um repasse dos episódios dolorosos, relembra que esse o marcou profundamente, o que reforça a tese de Henri Bergson, Paul Ricoeur e Sigmund Freud de que esquecemos muito menos do que imaginamos, tememos e desejamos, na medida em que as lembranças permanecem na reserva, aguardando o momento oportuno para ressurgir. E, quando são traumáticas, reaparecerem até que o trauma seja processado ou ressignificado.

E Floriano ainda carrega o fardo de sentir-se insuficiente como escritor, pois acredita que deveria ser mais engajado nos problemas sociais de seu estado e de seu país, ter a coragem de destrinchar psicologicamente a si mesmo e a suas personagens e torná-

las mais verossímeis. Passou boa parte de sua vida tentando olvidar fatos, pessoas e desilusões, porém, depois de ter coragem de desenvolver um diálogo catártico com seu pai, no qual lhe confessa algumas de suas mágoas, percebe que tem material suficiente para elaborar o projeto literário cuja diretriz seja:

Estou chegando à conclusão de que um dos principais objetivos do romancista é o de criar, na medida de suas possibilidades, meios de comunicação entre as ilhas de seu arquipélago... construir pontes... inventar uma linguagem, tudo isso sem esquecer que é um artista, e não um propagandista político, um profeta religioso ou um mero amanuense (VERISSIMO, 1987, p.220).

Ou seja, percebe que a liberdade com que tanto sonhara, isto é, a libertação de todas as suas aflições memorialísticas, estava justamente em registrá-las, fazendo um monumental romance em que não apenas a tríade Rodrigo-Flora-Floriano tivesse a oportunidade de aliviar suas memórias, mas toda sua família interligada à História de seu estado e de seu país.

Conforme Jacques Le Goff (1992), a tarefa primordial do historiador e do literato é questionar-se sobre as lacunas, sobre os silêncios e sobre os esquecimentos. É justamente o que Floriano faz ao narrar minuciosamente os feitos históricos e construir densamente cada personagem. Uma vez que não consegue exterminar lembranças malquistas, faz com que as mesmas trabalhem a seu favor, sendo a motriz do enredo que sempre almejou escrever. Paul Ricoeur nos auxilia a compreender a dialética do lembrar e do esquecer que foi absorvida por Floriano na culminância de *O Arquipélago*:

Em resumo, o esquecimento reveste-se de uma significação positiva na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação vinculada à ideia do passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança. Finalmente, a ambiguidade primeira do esquecimento destruidor e do esquecimento fundador permanece fundamentalmente indecível. Não há, para vistas humanas, ponto de vista superior de onde se vislumbraria a fonte comum ao destruir e ao construir. Não há, para nós, balanço possível dessa grande dramaturgia do ser (RICOEUR, 2007, p.451).

Considerações finais

O mote do esquecimento perpassa toda produção romanesca de Erico Verissimo, criando um vórtice dialógico com os outros *Leitmotiven* do autor, ou seja, a liberdade e a temática social. Na narrativa dos três tomos de *O Arquipélago*, focando na

tríade Rodrigo-Flora-Floriano, também fica evidente que a busca pelo olvido absoluto dialoga com os fatos e determina a busca inalcançável da liberdade, posto que esta é impedida pelos sentimentos oriundos de quem tem memórias enfermas, isto é, culpa, remorso, arrependimento e insatisfação.

Rodrigo Cambará, apesar de aparentar ser alegre e dono de seus desejos e ações, é, inúmeras vezes, invadido por traumas que teimam em lhe ceifar a liberdade. Chega ao instante derradeiro de sua vida sem fazer as pazes com essa carga memorialística, sobretudo em relação à falta de afeto da esposa depois de suas traições. Flora, por sua vez, é resignada em relação às suas mágoas e nem busca processá-las ou exterminá-las.

Floriano é quem, sendo a súpula dos dois, não apenas carrega mais reminiscências desagradáveis que ambos, como tenta, incansavelmente, reelaborar seus traumas e o faz em dois momentos decisivos: uma conversa franca com seu pai, em que fala de seus dissabores, e quando resolve escrever a narrativa épica, abarcando duzentos anos de trajetória sul rio-grandense e expondo as próprias máculas, de seus pais, de sua família, dos antepassados longínquos e de muitos envolvidos, atravessando a História Brasileira com a dialética do esquecimento e da memória.

Sua obra romanesca é um ininterrupto jogo dialógico em que o esquecimento, sendo peça-chave, impede a liberdade dos que a desejam, pois não responde às vontades humanas, e, aos que o temem, evidencia que a maneira mais certa de combatê-lo é o próprio ato de escrever, registrar e iluminar os fatos outrora ocultos.

TRABALHOS CITADOS

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*: cérebro, memória, esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. de Alain François et al. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. 14. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. v.3, t.1.

VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. 14.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. v.3, t.2.

VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.3, t. 3.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Maria Cristina Ferreira dos Santos é Mestre em Literatura Brasileira, na linha de pesquisa Literatura e História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutora em Estudos Literários, na linha de pesquisa Pós-colonialismo e identidades, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Curso de Atualização para Professores de Português pela Universidade do Porto – Portugal e cursos relativos à Língua Espanhola pela Academia Uruguay (Montevideo), pela Escuela Nueva Lengua, Cartagena de las índias (Colômbia) e Certificado em Estudos Afro-latinoamericanos do Afro-Latin American Research Institute. Leciona "Comunicação e Expressão" na Graduação em Enfermagem da UGV/Faculdade DAMA (Canoinhas/SC) e atua, desde 2010, como professora efetiva de Língua Portuguesa e Literaturas, Língua Espanhola e Língua Inglesa na rede pública de Ensino Médio de Santa Catarina. É autora dos livros *Alçapão, Alçapões: os contos-poemas de Péricles Prade* e *Minicontos-relâmpago*. Membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEBSC), ocupa a cadeira 20, patrono Erico Verissimo, da Academia de Letras do Brasil/Canoinhas.